

**As Categorias Formais de Comportamento Verbal em Skinner**  
**Maria Amélia Matos**  
**Universidade de São Paulo, São Paulo**

Nesta parte de nosso curso pretendemos abordar essencialmente o modelo de análise funcional do comportamento proposto por B. F. Skinner em sua obra *Verbal Behavior* (1957). Esta obra, profundamente criticada e até mesmo rejeitada pela comunidade de analistas comportamentais quando de sua publicação, é, não obstante, paradigmática. Ela representa simultaneamente uma síntese do modelo de seleção pelas conseqüências e sua mais abrangente tentativa de extrapolação para o estudo do comportamento humano. E representa ainda o mais profundo choque entre a posição *estruturalista* (compreender o *falado* - seu significado – a partir de uma sintaxe pré-existente) e a *funcionalista* (compreender o processo de aquisição da *fala*, o significado é dado pela análise das condições em que a *fala* ocorre, a sintaxe é adquirida no processo de aquisição da *fala*).

Coerentemente com sua importância, é uma obra que já vinha sendo escrita desde a década de 30, paralelamente a *Behavior of Organisms*. Obra polêmica, interpretativa num momento em que se buscavam dados e experimentos, mal compreendida desde sua primeira divulgação (sob a forma de aulas e conferências na década de 40), gerou uma série de pesquisas equivocadas entre 66 e 76, para nos anos 80, ser finalmente retomada para estudos, análises e debates.

Nesta obra pela primeira vez a contingência de três termos é proposta claramente como unidade de análise do operante e, também pela primeira vez, Skinner analisa contingências, não respostas.

**Comportamento verbal como comportamento social**

O comportamento verbal é essencialmente definido pelo efeito sobre o comportamento do outro e, portanto pelo seu caráter relacional (no caso, uma relação social). Pode-se dizer que o comportamento verbal é basicamente uma relação entre o *ambiente social*, representado pelo outro, o ouvinte, e um *organismo vivo*, o emitente. O ouvinte atua como um estímulo discriminativo na presença do qual verbalizações ocorrem (assim como também, provavelmente, outras formas de comportamento, que, no entanto, ocorrem *também* em outros ambientes, ao contrário do verbal). Esta relação

\* *Texto publicado nos Anais da XXI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto – 1991, pp. 333-341.*

é por sua vez controlada por um contexto social mais amplo, um quadro autoclítico, no qual se insere uma parte da história passada dos dois atores, a qual é compartilhada por ambos (e onde têm papel importante os operantes discriminativos verbais). Estas verbalizações, atuando agora como discriminativos para o ouvinte, afetam o comportamento deste. Estes efeitos sobre o comportamento do ouvinte atuam seletivamente sobre aquela classe de operante verbais do emitente, modificando-a. Como se depreende desta análise, não existem elementos topográficos na definição do comportamento verbal, ele é interação pura. Ao mencionarmos o *andar* é inevitável a intrusão de elementos anatômicos e topográficos, embora o critério definiente seja o efeito (deslocamento), para o qual, aliás, é necessário um substrato físico. Ao discutirmos o *falar* é também inevitável o elemento anatômico-topográfico, embora o efeito *som* seja o crítico. Ao analisarmos o *verbalizar* contudo, não há constrição (e deve ser evitada a intrusão) de qualquer topografia/anatomia; só o efeito sobre o comportamento do outro importa. Nesse sentido diz-se que o efeito do comportamento verbal sobre o ambiente físico é indireto mediado pelo comportamento do outro, sobre o qual, então, tem um efeito direto (embora contextualmente pela história passada comum).

Como exemplos de comportamento verbal temos os seguintes operantes: falar, escrever, gesticular, datilografar, compor com tipos, usar códigos (como Morse, ou a *linguagem das flores*, etc.) ou expressões faciais. Como exemplos de comportamentos não-verbais temos tanto não-operantes (roncar, chiar, produzir sons em situação de cansaço, *stress*, dor, enfado, como *Anagh, Fuuu, Chiii, Oh*) como operantes. Entre estes últimos temos respostas abertas (controlar, assobiar, garatujar) e encobertas (visualizar, imaginar) que, por acompanharem frequentemente a emissão de verbais denominados *pensar*, são confundidas com essa classe. (\*)

Quando o comportamento (verbal ou não-verbal) de um emitente é controlado por comportamentos sociais que incluem respostas verbais especificadoras de contingências (por exemplo, instruções, conselhos, ordens, etc.), falamos de comportamento controlado por regras. O comportamento controlado por regras, e portanto por respostas verbais (do outro ou do eu), não é considerado por Skinner como um caso de comportamento verbal, embora o comportamento daquele que emite as regras o seja.

\* Pensar é aqui entendida como uma classe de operantes verbais pré-correntes encobertos (principalmente tatos e ecóicos) relativos a um assunto ou problema, cujos efeitos principais são sobre o repertório comportamental do próprio emitente, e que, nesse sentido, não produzem alterações no ambiente físico ou social do emitente. Contudo, alteram a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos do emitente, comportamentos estes sim, que alteram seu ambiente físico e/ou social. Pensar portanto, seriam respostas verbais encobertas que afetam o sujeito que as emite (considerado assim como seu próprio outro, seu ouvinte), e mediadas em seu efeito sobre o ambiente pelas mudanças comportamentais que produz no sujeito como seu outro. Como se pode ver, a análise de Skinner, embora considerando o comportamento verbal como social, é essencialmente uma análise desde o ponto de vista daquele que verbaliza.

### As categorias de comportamento verbal

Analisando as relações que podem se estabelecer entre as condições antecedentes, as conseqüências e as respostas verbais, Skinner identifica e descreve oito categorias de comportamento verbal (ver Quadro I).

**Quadro I - Categorias de comportamento verbal (B. F. Skinner)**

<b>Categoria</b>	<b>SD/ Fonte</b>	<b>R</b>	<b>SR</b>	<b>Relação S R</b>
1. Ecoar (echoic)	auditivo (palavras) emitente/outro	vocal (palavras)	social (aprovação)	identidade estrutural (acústica) SD R
2. Copiar (copy)	visual (palavras) emitente/outro	motora (palavras)	social (aprovação)	identidade estrutural (funcional gráfica) SD R
3. Tomar ditado	auditivo (palavras) outro	motora (palavras)	social (aprovação)	identidade funcional SD R
4. Tatear (tact)	objeto/evento interno/externo	vocal/motora (palavras)	social (aprovação) alia	identidade funcional SD R
5. Mandar (mand)	estados internos (motivação/emoção)	vocal/motora (palavras/gestos)	social (objetos/ações)	identidade funcional SD R R SR
6. Ler (pré) (textual)	visual (palavras) externo	vocal (palavras)	social (aprovação)	identidade funcional SD R
7. Intra-verbalizar (intraverbal)	cadeias/ conjuntos de associações verbais emitente	vocal/motora (palavras)	social (aprovação) alia	controle contextual (emissão extensa) sequência/ temas
8. Rearticular/organizar (autoclitic)	auditivo/visual encoberta Rv anterior e concorrente	vocal/motora (palavras)	social (aprovação) alia	controle contextual (SD/Rv) Rv Rv (Rv/SR) Rv Rv

Como se verá, em algumas categorias Skinner usa critérios funcionais, noutras, estruturais, e em outras mistos. As categorias são sempre multidimensionais: os discriminativos envolvem tanto palavras escritas ou faladas, objetos ou eventos, quanto pessoas; os conseqüentes também sempre envolvem a ação de pessoas, bem como mudanças, próximas ou remotas, causadas no ambiente por essa ação (quanto mais sofisticado o emitente, isto é mais complexo seu repertório comportamental, mais remotas podem ser essas mudanças).

1. Ecoar (*echoic behavior*). É controlado por discriminativos sonoros, em geral palavras ditas por pessoas; a resposta é vocal; e a conseqüência é social, por exemplo, a aprovação dos outros. Supõe um grau de identidade estrutural entre as características acústicas e/ou sonoras do antecedente e da resposta. Ex. tendo alguém dito a palavra *cavalo*, o emitente diz a palavra *cavalo*.
2. Copiar (*copy behavior*). É controlado por discriminativos visuais, em geral palavras escritas; a resposta é motora; e a conseqüência é social. Supõe uma identidade estrutural (que pode ser bastante frouxa, quase simbólica, e portanto funcional) entre as características visuais/gráficas do antecedentes e as do produto da resposta. Ex. tendo alguém escrito a mão em minúsculas a palavra *cavalo*, o emitente escreve a mão ou a máquina, em maiúsculas ou minúsculas, etc., a palavra *cavalo*.
3. Tomar ditado. É controlado por discriminativos sonoros, em geral palavras ditas por alguém; a resposta é motora; e a conseqüência é social. Supõe uma identidade funcional entre as características sonoras do antecedente e as visuais/gráficas do produto da resposta. A aprovação social supõe que o ouvinte partilhe desse quadro de equivalências. Ex. tendo alguém dito a palavra *cavalo*, o emitente escreve a palavra *cavalo*.
4. Tatear (*tact behavior*). Os discriminativos controlados podem ser objetos, pessoas, acontecimentos, sensações, lembranças, isto é, mudanças no campo sensorial (visual, auditivo, tátil, proprioceptivo, interoceptivo, etc) do emitente. A resposta pode ser vocal ou motora (palavras ditas ou escritas, gestos), e a conseqüência é social, porém *sui generis*. Supõe uma identidade funcional entre as características da situação em que ocorre e as características da resposta; supõe que o ouvinte partilhe desse quadro de equivalências. A conseqüência social ocorre aqui, não porque estamos diante de uma situação *didática*, digamos assim, mas porque principalmente o ouvinte se beneficia pelo tatear do emitente. Isto é, o ouvinte reforça o emitente não apenas devido a um pacto social, mas principalmente porque lhe convém que o emitente continue a prestar informações sobre o ambiente. Ex. diante de um animal o emitente diz o nome deste animal; diante da água que cai, diz que chove; diante de determinadas sensações, diz *dor*; diante de um buraco no chão diz *dor* ou *perigo*, etc. O nome da categoria expressa justamente o fato de que o ouvinte é posto *em contato* com o evento que controla o comportamento verbal do emitente. Tatos isolados podem ocorrer diante de estímulos isolados, como o verbal *chove* diante da água que cai; tatos aglomerados podem ocorrer diante de estímulos simultâneos, como o verbal *tempestade* diante da água que cai, acompanhada de raios e trovões, ou o verbal *furacão* se o acompanhamento inclui ventos fortes.

Especial atenção deve ser dada ao tato extrapolado (*extended tact*). Trata-se de um tatear generalizado diante de estímulos multidimensionais, onde o emitente pode responder ao todo como uma parte, ou a uma parte como um todo. A metáfora, a símile, e a sinédoque correspondem a esses casos (ex.: diante de um trecho musical executado por violinos referir-se ao *desempenho* das *cordas*, diante do contorno de um olho dizer *olho*, diante de um veleiro deslocando-se com facilidade dizer que *corta as águas*, etc. Uma outra forma de tato extrapolado é aquele em que combinam-se tatos isolados, como por exemplo, na expressão *máquina* de *escrever*. Os procedimentos de aquisição de tatos extrapolados relacionam-se aos de aquisição de conceitos e portanto aos de formação de classes de equivalência (abstração é um tato controlado por uma propriedade específica presente em vários objetos ou eventos, isto é, a uma propriedade ou dimensão do objeto enquanto isolada do objeto).

Tatos são particularmente importantes porque representam uma importante via de acesso a estados internos do emitente, e o estudo dos procedimentos de aquisição do comportamento de tatear eventos encobertos é hoje uma importante área de pesquisa em Psicologia. Quando eventos públicos atuais ocorrem, os quais estiveram associados a eventos privados na história passada do emitente 1 ( a criança cai; no passado, quando a mãe caiu ela sentiu dor), este pode usar o mesmo tato empregado na ocasião (*nenê tem dodói*), que passará, com sua repetição, a ser empregado pelo emitente 2, quando nas mesmas situações (a criança cai, “*sinto dor*”). Na mesma situação, o emitente 2 pode apresentar respostas colaterais (colocar a mão sobre o joelho, mancar, etc.) que também acompanharam eventos similares na história passada do emitente 1, e, neste caso, a aquisição é mais precisa. Finalmente, se o emitente 1 já possui algum repertório verbal, ele pode, através do processo de generalização, apresentar tatos extrapolados (“*que dor aguda*”, “*está queimando*”).

5. Mandar (*mand behavior*). Os antecedentes controlados são eventos encobertos ligados a estados motivacionais ou afetivos; a resposta pode ser vocal ou motora (palavras ditas ou escritas, gestos) e explícita a natureza da ação do outro (ouvinte); e a conseqüência é social apenas no sentido estrito, pois deve imediatamente ser seguida de mudanças no ambiente relacionadas aos estados privados. Supõe uma identidade funcional entre a resposta verbal emitida e a ação social produzida (e nesse sentido supõe que o ouvinte partilhe do quadro de equivalências), e supõe relações estruturais entre a natureza dos eventos antecedentes encobertos (no emitente) e a natureza dos efeitos da ação (conseqüente) do ouvinte. O estudo dos mandos é diretamente pertinente ao estudo dos comportamentos controlados por regras.
6. Ler (*textual behavior*), também denominado *pré-ler*, pois embora envolva nomeação oral do estímulo *palavra escrita* (e nesse sentido textuais são tatos), não necessariamente envolve um repertório maior de pareamento com objetos, desenhos, situações e eventos (*compreensão*). Os discriminativos controladores são visuais, palavras escritas, e as conseqüências são sociais. Quanto à resposta caberia aqui uma distinção preliminar entre *oralizar um texto* ou *compreender um texto*. Estritamente

falando, ler é oralizar, e a resposta seria considerada vocal. Contudo, pode-se supor também (a) uma situação em que o emitente vocalize uma palavra escrita quando diante de um texto, mas este não controla qualquer outra resposta de sua parte, considerada correta pela comunidade verbal; e (b) uma situação em que o emitente, oralizando ou não diante de um texto, apresente uma série de outras respostas consideradas corretas (isto é, funcionalmente equivalente). Por exemplo: diante de uma cartela com a palavra *cavalo* nela escrita, uma criança diz *cavalo* (situação a), ou desenha um *cavalo*, e/ou aponta um *cavalo*, e/ou descreve ou define o que seria um *cavalo*, etc. (situação b). Tanto na situação a como b estamos diante de identidades funcionais entre o evento antecedente e a resposta, porém apenas no segundo caso a expressão *ler com compreensão* seria empregada, e nesse caso a natureza da resposta verbal seria variada (na verdade o compreender envolve o ler textual, o auto-ecoar esta leitura, e o intraverbalizar sob controle destes ecóicos).

Antes de abordarmos as categorias 7 e 8, caberiam algumas considerações sobre o que foi dito até aqui. Para entender as categorias 1, 2, 3 e 6 foi importante analisar a natureza do antecedente, isto é, a origem do *locus* de controle específico; para entender a categoria 4 foi importante analisar a relação antecedente-resposta; e para entender a categoria 5, a relação antecedente-conseqüente. A aquisição dos comportamentos descritos nas categorias 1, 2, 3, 4 e 6 nos descreve como o mundo externo entra em contato com o mundo interno. A aquisição dos comportamentos descritos nas categorias 4 e 5 nos descreve como o mundo interno entra em contato com o mundo externo.

Contudo, as categorias 7 e 8 colocam problemas especiais, duplamente. Primeiro, porque as relações relevantes não são mais exclusivamente entre classes de estímulos e classes de respostas; são agora relações estímulo-estímulo, isto é, o controle é condicional. Segundo, porque o próprio comportamento verbal se transforma em estímulo controlando emissões verbais posteriores, isto é, a aquisição dos comportamentos descritos nas categorias 7 e 8 nos descreve como o mundo da linguagem entra em contato consigo mesmo. Além disso, com relação às categorias anteriores, havia uma correspondência – formal ou literal – entre os antecedentes e a resposta verbal; com relação às categorias 7 e 8 isto não ocorre.

7. Intraverbalizar (*intraverbal behavior*). Um intraverbal é qualquer operante verbal cuja variável controladora seja o próprio comportamento verbal anterior do emitente (na verdade pode ser o comportamento verbal de uma outra pessoa, que o sujeito acompanha, ouvindo ou lendo). Exemplos são muitos: recitar um poema, derivar uma fórmula, enunciar um silogismo ou qualquer forma de raciocínio, ou até conversar fiado. Um intraverbalizador típico é o contador de *causos*, que está mais sob controle do próprio contar do que do evento que o originou. Os antecedentes desta resposta verbal são complexos e múltiplos, cadeias ou seqüências verbais, conjuntos de associações verbais. Múltiplos: 4 é resposta para 2+2, 3+1, 2x2, 6-2, etc., bem como para a seqüência 1, 2, 3, ... . Cadeias ou seqüências: derivar uma fórmula, enunciar um raciocínio, dizer um poema. Associações: controle pelo tema, situação ou assunto. Em suma, nenhum elemento específico e particular (com a conseqüente exclusão dos demais componentes do comportamento verbal antecedente) pode ser considerado um antecedente de intraverbal. Isto fica evidente

quando se interrompe a emissão de intraverbal e o sujeito não consegue recomeçar de onde parou, deve voltar atrás vários elos da cadeia; ou quando, diante da palavra *céu* um meteorologista diz *tempo*, um aviador, *teto* e uma adolescente, *azul*.

Assim como os antecedentes podem ser visuais ou auditivos, a resposta verbal ela própria pode ser vocal ou motora (*escrever*), e sua consequência é social, a aprovação pelos outros. Intraverbais são gerados lentamente, através de reforçamento intermitente (certos aspectos do *causo* interessam mais o ouvinte do que outros), e em geral após emissões extensas.

Intraverbais extensos podem constituir uma *cadeia*, quando a ordem ou seqüência é importante e há uma certa obediência à gramática; ou *aglomerados*, onde a ordem não é importante nem existe gramaticalidade (em geral associações temáticas ou por contiguidade temporal). Classes de equivalência e generalização semântica são exemplos de intraverbais em aglomerado.

8. Articular/rearticular/organizar/reordenar (*autoclitic behavior*), a palavra inglesa refere-se à característica deste comportamento de se auto seccionar, e assim fazendo, se organizar e/ou reorganizar; de se auto referenciar, e assim fazendo, se reformular quando ainda em curso. Esta categoria é extremamente sutil, ela mostra o falante como ouvinte de si mesmo. De fato, os estímulos antecedentes aqui são ditos visuais (ou auditivos), mas num sentido muito especial, já que são encobertos, isto é, palavras visualizadas (ou *auditivadas*) pelo próprio sujeito (ou, mais do que palavras, relações verbais). Ou seja, os antecedentes são respostas verbais do próprio sujeito; anteriores, simultâneas ou concorrentes, à resposta articulada. Esta, por sua vez, pode ser vocal ou motora (rearranjo de palavras escritas, reformulação do discurso em curso, etc.). Como em todos os casos anteriores, a consequênciação é social, porque o referencial é social, porém é o próprio sujeito que se auto-reforça.

O controle aqui é tipicamente contextual, temático, situacional, e depende da emissão de outros operantes verbais, que, assim, podem ser considerados primários (categorias de 1 a 7). Mas, falar em emissões extensas é insuficiente. É a própria situação verbal, junto com as respostas articulativas, que controlam novas respostas verbais. Por sua vez, estas fazem parte de seus próprios efeitos, já que a consequência que produzem é a conclusão, a paráfrase, o esclarecimento, a ordenação, o reformular/reformulação, etc. O antecedente verbal que controla o reformular deve encontrar-se no seu produto (deve se encontrar lá e deve ser encontrado lá), enquanto isso não ocorre, a reformulação não é reforçadora. É nesse sentido que dizemos que *compreender* é ecoar (reflexivamente ou não) e usar estes ecóicos como discriminativos para o controle de intraverbais e autoclíticos (articulativos).

Autoclítico em geral incluem palavras que modificam os efeitos de outras palavras sobre o ouvinte, e os arranjos e ordenações que denominamos estrutura gramatical (Catania, 1984, p. 244).

Contudo, não podemos confundir gramática com autoclíticos. A gramática é meramente o efeito, o produto, de operantes verbais autoclíticos. Além disso, além de palavras gramaticais, os autoclíticos envolvem também a ordenação de palavras.

Autoclíticos podem ser *descritivos* (quando envolvem discriminações do comportamento verbal do próprio emitente, e, nesse sentido, autoclíticos estão envolvidos naquilo que se costuma denominar *processo de auto-conscientização*) ou *relacionais* (quando envolvem unidades verbais que não se constituem em respostas verbais isoladamente, pois sua natureza é essencialmente coordenativa, como advérbios, proposições, e verbos conetivos). Para entender o autoclítico nada mais útil do que considerar a natureza das palavras grifadas, nas frases que se seguem, e tentar classificá-las nas categorias anteriormente vistas: *Acho* que entendi. *Não* entendi. *Me disseram* que choveu. Choveu *ontem*. Gosto de *todas as cores*, *menos* sulferino. *Todos* os homens *são* mortais. Estes exemplos deixam claro que respostas verbais autoclíticas ocorrem em duas etapas. Na primeira estão os operantes verbais básicos (Ex: *tatos*, *mandos*, etc., isto é, entendi, chuva, cores, homens, sulferino, etc.) que alteram as circunstâncias presentes. A segunda etapa só pode ocorrer na presença da primeira, e representa o que há de peculiar no autoclítico, o falar sobre o falar (“*A maçã é vermelha*”). É possível ver que os autoclíticos na verdade são uma subcategoria muito especial de *tatos*. São *tatos* cujos discriminativos são operantes verbais básicos, atual e realmente sendo emitidos; e cujas respostas verbais variam de acordo com as variáveis controladoras (ou de acordo com sua força, ou de acordo com sua forma) daquele operante. Ex: Entendi/*Acho que entendi*/Entendi *muito bem*; *A maçã é vermelha*/As maçãs *são vermelhas*.

Mas, realmente, o melhor exemplo de autoclítico ainda é o segundo epílogo da obra *Verbal Behavior, No Black Scorpion* (Skinner, 1957, pp.456-470), que além de autoclítico, é, como dissemos, uma metáfora do próprio Behaviorismo Radical.

### Referências

- Catania, A. C. (1984) *Learning*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 2<sup>a</sup> edição, cap.9.
- Skinner, B. F. (1938) *The Behavior of Organisms*. New York: Appleton Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1957) *Verbal Behavior*. New York: Appleton Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1969) *Contingencies of Reinforcement: A theoretical analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.